

Criatividade Não é Privilégio de Uma Elite

Vera Regina Morganti

O mundo de Tom Hudson é comum ao de muitas outras pessoas. Nascido inglês, obviamente ele gosta de chá e horários rígidos. Tem 52 anos, é casado, tem filhos e mora numa praia onde a maré alta sempre assume grandes proporções. Esconde seu rosto sob uma barba espessa e seus olhos observadores oferecem poucas oportunidades para surpreendê-lo em emoções pessoais.

Mas este seu mundo torna-se um universo quando nele se cruzam e se tocam pensamentos, vidas e atitudes, tecnologia, formas e cores. Aqui se define e se conhece Tom Hudson. Homem simples, artista plástico e "creative educator", ele gosta de trabalhar com situações existenciais concretas, sensibilidade, cultura, gostos e tendências. Seu objetivo não é desenvolver arte. Para ele é fundamental devolver ao homem o seu sentido psicológico.

PSICOLOGIA DA CRIATIVIDADE

Quando Tom Hudson afirma que somos a sociedade mais neurótica e destrutiva que já existiu, embora, provavelmente, a mais criativa e perceptiva, ele assume como um desafio esta ambigüidade do mundo moderno, carente de uma nova orientação e ao mesmo tempo aberto para uma revisão de valores e certezas.

"As pessoas parecem incapazes de encarar tranquilamente aquilo que nós fazemos e aquilo que nós somos. Isto gera uma necessidade quase instintiva de destruir. Mas é preciso entender que cada um possui uma linguagem própria. Que cada um é uma estrutura, operando de acordo com princípios e sistemas e assumindo um compromisso com a seleção e expressão de seu comportamento criativo pessoal".

Coerente com este seu respeito às características individuais foi a curiosidade de Tom Hudson ao chegar a Porto Alegre, dois dias antes de iniciar o curso sobre "Criatividade, Educação e Tecnologia". Ele quis ver e sentir como era a cidade das pessoas com quem iria trabalhar. Quis conhecer suas condições, provar sua comida típica e observar tudo que pudesse definir a personalidade do ambiente quanto à sua cultura e à sua natureza.

Como "creative educator", Tom Hudson procura mostrar e demonstrar que uma base emocional mais livre leva o homem a expressar sua criatividade. Não importa que esta expressão seja através de símbolos, imagens, rituais ou trabalhos ambientais, mas ela deve permitir a manifestação e a

observação das diferenças individuais.

Tom Hudson não pretende com isto construir "elites criadoras", mas promover em cada um a sua coerência individual. Assim, quando ele pede que seus alunos trabalhem — reajam — à água, à areia, ao plástico, ao bambu, ao papel, não está querendo que eles se tornem artistas, mas que busquem uma expressão para sua personalidade.

Para isto não é preciso talento, que Tom Hudson define como alguma coisa inata, facilmente observável e que se expressa de maneira superficial. Para isto é preciso ser sensível, pois criatividade é algo mais profundo, que se localiza no íntimo de cada "persona".

Uma pessoa criativa — aquela que põe sua individualidade em ação — seria como uma obra que apresenta muitos significados, muitas fases e, sobretudo, muitas maneiras de ser compreendida e amada, pois ela permite uma rede de relações inesgotáveis.

Mas Tom Hudson lembra que ser criativo requer muita concentração e muita compreensão de si mesmo. Por isso é que as pessoas, no decorrer da vida, preferem se comunicar através de uma série de padrões e rituais de comportamento e somente se dão ao trabalho de serem criativas quando reagem emocionalmente a outra pessoa.

Ao propor uma atividade criativa, Tom Hudson insiste que ninguém pense no que vai fazer, mas faça. Nestas ocasiões, ele sempre observa que há um certo grau de compulsão e de constrangimento no ato de criar. "As pessoas sentem vontade de criar, mas não sabem como transformar isto em ação. Tornam-se, então, inibidas, descontentes e muitas vezes neuróticas". Isto é delicioso e triste ao mesmo tempo, pois confirma o quanto existe de criatividade dentro de cada indivíduo.

Talvez por isso o artista Tom Hudson estabeleceu um entendimento com o professor Tom Hudson. Se para ambos a mente humana é o mais importante, ensinando ele poderia trabalhar outras mentes humanas e, como artista, continuaria a desenvolver sua própria mente.

"CREATIVE EDUCATOR"

Se alguém fala nas possibilidades de integrar o instinto, a sensibilidade e o pensamento lógico, Tom Hudson assume o papel de "creative educator".

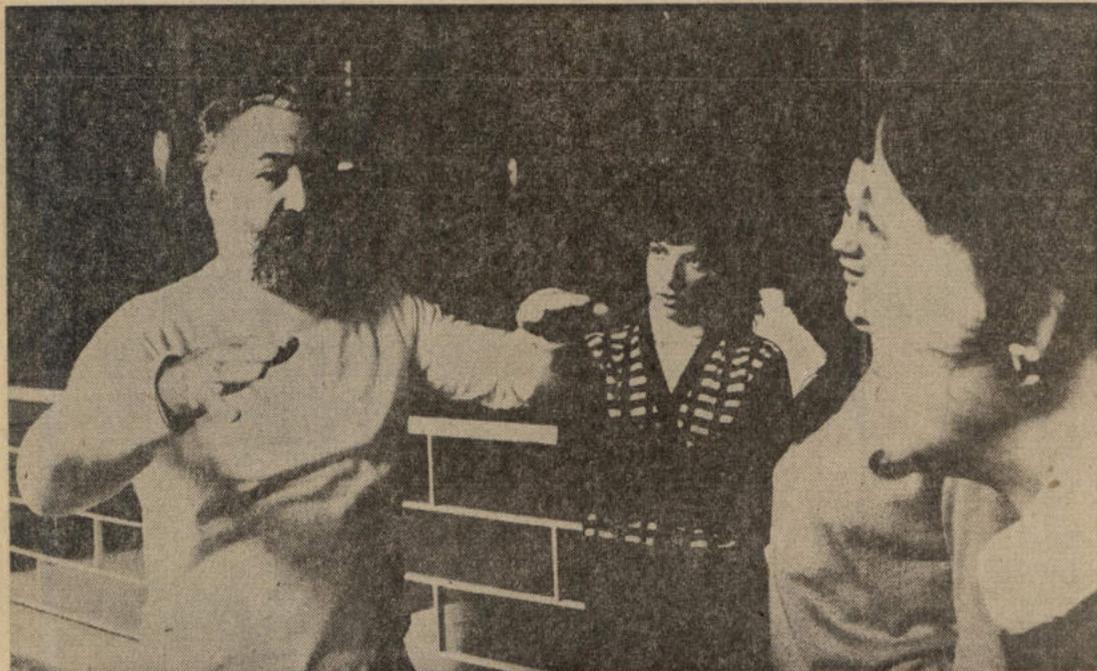
"Na realidade nós temos lidado com os seres humanos de maneira bastante primitiva", diz ele. A oportu-

nidade de uma educação largamente difundida é uma invenção do século XX. A idéia de educar uma criança como criança é coisa de nosso tempo. Antes tratava-se de transformá-la de um mini-adulto que nada entendia em um adulto que entendesse tudo. Agora nós estamos tentando desenvolver a criança desde o início, obedecendo à seqüência lógica da evolução, para que mais tarde ela saiba ocupar o seu lugar como indivíduo na sociedade. Mas isto cria um outro problema, muito comum na sociedade atual — como conseguir que um indivíduo, com uma individualidade bastante desenvolvida, aprenda a viver e a trabalhar em conjunto?"

Em Cardiff, Escola Superior de Arte que Tom Hudson dirige, uma das grandes preocupações é desenvolver a autocritica. "Nós devemos ter a humildade de aceitar a crítica e também a capacidade de estender a crítica. A capacidade de criticar é a base do julgamento pessoal".

Volta-se mais uma vez à importância de uma linguagem estrutural própria, de um modo pessoal de ver as coisas e reagir a elas. De compreender definitivamente que se criatividade é construir algo novo, diferente, nada existe de mais criativo que o próprio ser humano. Seria oportuno talvez lembrar estas palavras de Martin Buber: "por ser único cada homem, seu nascimento é o nascimento do primeiro homem sobre a terra".

A criatividade do homem moderno deve ser descoberta com o que este seu mundo moderno oferece, seja o material sintético ou uma máquina, seja a natureza em seus elementos sempre constantes em todos os tempos. Pode parecer paradoxal esta posição de Tom Hudson, quando se descobre que ele é um colecionador de objetos de artesanato, principalmente dos índios sul-americanos e dos aborígenes australianos. Mas ele entende que seria ridículo ensinar às crianças a fazerem obras primitivas e critica o fato de se ensinar artesanato como se o mundo moderno e a evolução tecnológica não existissem.



Tom Hudson, artista e "creative educator". Estudou na Escola Superior de Arte da Universidade de Suíderland, é diplomado em Artes e "Design" fez curso de pós-graduação em História da Arte e formou-se professor de pintura (master). Há dez anos é diretor de estudos da Escola Superior de Arte da Universidade de Cardiff. Está em Porto Alegre a convite do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura

CIÊNCIA E ARTE

Para Tom Hudson um problema técnico é sempre um problema estético "porque não existe, por exemplo, cor sem forma ou forma sem cor. Também não existe forma sem relacionamento. E não há relacionamento sem princípio. Estas associações poderiam ir ao infinito, mas a verdade é que nunca se pode divorciar completamente o aspecto estético do aspecto funcional e vice-versa. Uma escultura pode não funcionar como uma máquina, mas ela exerce a função de produzir certas reações no público. Já a função da máquina é produzir objetos, mas nós também a avaliamos pelo seu aspecto estético".

Tom Hudson diz que a cada 136 milésimos de segundo o mundo se modifica e que, portanto, não podemos ver as coisas e o mundo como veria, por exemplo, Cézanne. "Mas isto não altera a posição da obra de Cézanne. Altera a nossa posição. Não podemos mais assumir pontos de vista estáticos em relação ao mundo. Por isso adotamos processos mais dinâmicos, como Picasso, que desenvolveu o cubismo".

Isto explica porque ele acha excitantes e espiritualmente muito comoventes alguns dos conceitos científicos de nosso tempo. Pensar num mundo de ondas, de partículas e de interpretação da matéria são coisas que o emocionam. Mas há também posições científicas que o divertem. "Há cientistas afirmando que nós não podemos resolver alguns de nossos problemas básicos sem afastarmos o homem de seu contexto. Enquanto há outros que dizem que não podemos resolver estes mesmos problemas sem justamente incluir neles o homem. Realmente é muito agradável", diz ele. "poder verificar que a situação dos cientistas é tão ambígua quanto a dos artistas".

Curso CRIATIVIDADE/EDUCAÇÃO/TECNOLOGIA
Promoção DAC/SEC

"Correio do Povo" 21/07/74
Entr. Tom Hudson p. Vera.R. Morganti(II)

